

AFETOS EM REDE: PROCESSOS DESCOLONIZADORES NO USO DO INSTAGRAM

Networked affects: decolonizing processes in the use of Instagram

Affects en réseau: processus de décolonisation dans l'utilisation d'Instagram.

Lia Beatriz Torraca¹
Edna Lúcia Tinoco Ponciano²

Resumo: Neste artigo apresentamos o Projeto “Retratar, Reiniciar e Reterritorializar: descolonizando pelo afeto a experiência algoritmicamente configurada”. Um projeto que busca compreender a experiência de jovens na plataforma de mídia social *Instagram*, a fim de construir e oferecer estratégias para a descolonização dessas experiências, a partir da investigação da atuação dos afetos nas relações algoritmicamente gerenciadas. Para tanto, discutimos os principais aspectos teórico-metodológicos aplicados, que constituem uma proposta de educação para o visual digital por intermédio da Fotografia e das novas formas de produzir imagens, ancorada na Teoria dos Afetos de Silvan Tomkins e na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty. Desta forma, pretendemos contribuir com a criação de estratégias que promovam a emancipação de jovens e outros usuários de mídias sociais, como o *Instagram*, a partir de experiências fotográficas programadas que façam emergir o afeto neutro/afeto surpresa. Uma proposta de reterritorialização desses usuários e suas relações.

Palavras-chave: Afeto. *Instagram*. Fotografia. Colonialismo de Dados. Virtual.

Abstract: In this paper, we present the Project “Portray, Restart, and Reterritorialize: Decolonizing through Affect the Algorithmically Configured Experience”. One project that seeks to understand the experiences of young people on the Instagram social media platform in order to build and offer strategies for the decolonization of these experiences, based on an investigation of the affect role in algorithmically managed relationships. To this end, we discuss the main theoretical and methodological aspects applied, which constitute a proposal for education in digital visual through Photography and new ways of image production, anchored in Silvan Tomkins' Theory of Affects and Maurice Merleau-Ponty's Phenomenology of

¹ Pós-doutoranda em Psicologia (IP-PPGPS-UERJ), bolsista PDR-10 da FAPERJ (edital nº 17/2024), doutora e mestre em direito (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: metaaffectus@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3485252759389457>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-3860-8500>.

² Professora Associada (IP-UERJ), bolsista de produtividade em pesquisa 2, Cientista do Nosso Estado (CNE/FAPERJ), Procientista da UERJ, investigadora Visitante na Universidade de Coimbra, coordenadora do DERA. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: ednaponciano@uol.com.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7121115711586970>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-8606-1095>.

Perception. In this way, we intend to contribute to the creation of strategies that promote the emancipation of young people and other users of social media, such as Instagram, through programmed photographic experiences that make emerge the neutral affect/surprise affect. One proposal for the reterritorialization of these users, and their relationships.

Keywords: Affect. Instagram. Photography. Data Colonialism. Virtual.

Résumé: Dans cet article, nous présentons le projet “Portraiturer, Réinitialiser et Reterritorialiser : décolonisant par l’affect l’expérience numérique algorithmiquement configurée”. Un projet que vise à comprendre l’expérience des jeunes sur la plateforme *Instagram* afin d’élaborer et de proposer des stratégies de décolonisation de ces expériences, en s’appuyant sur une analyse du rôle des affects dans les relations gérées par les algorithmes. À cette fin, nous abordons les principaux aspects théoriques et méthodologiques appliqués, qui constituent une proposition d’éducation visuelle numérique par la Photographie et de nouvelles manières de produire des images, ancrée dans la Théorie des Affects de Silvan Tomkins et la Phénoménologie de la Perception de Maurice Merleau-Ponty. Nous souhaitons ainsi contribuer à l’élaboration de stratégies qui favorisent l’émancipation des jeunes et autres utilisateurs de réseaux sociaux, comme *Instagram*, à partir des expériences photographiques programmées qui le fait émerger l’affect neutre/l’affect surprise. Une proposition de reterritorialisation de ces utilisateurs et de leurs relations.

Mots clés: Affect. *Instagram*. Photographie. Colonialisme des Données Numériques. Virtuel.

Introdução

A ideia do projeto surge pouco antes da pandemia do COVID-19, com a preocupação de investigar uma nova forma de extrativismo, responsável por imprimir outro regime estético para além da internet. Trata-se do extrativismo digital, que se apresenta como atualização da estética colonialista. O fenômeno, nomeado por Nick Couldry e Ulises Mejias (2019) de *data colonialism*, restou intensificado pela primeira crise pandêmica do século XXI, em razão da intensidade com que passamos a viver o virtual. Esse novo regime estético, responsável por reger nossas relações em outra dimensão espaço-temporal, tornou ainda mais complexa a maneira como lidamos com as imagens, com aquilo que imaginamos. Mergulhamos, então, em uma vida algoritmicamente configurada e gerenciada pelas plataformas de mídia social, o que permitiu uma inédita amplitude de observação.

Se as novas formas de produzir e compartilhar imagens a partir da desterritorialização do sujeito abrem inéditos portais para a imaginação humana, elas também são responsáveis por criar novos quadros de vulnerabilidade, principalmente para adolescentes e jovens adultos. Diante dos desafios postos pela regência algorítmica, o projeto foi pensado para desenvolver estratégias que possibilitem a descolonização das experiências do usuário de mídias sociais para

além das plataformas, o que significa a proteção do sujeito frente às ameaças que representa um visual controlado pelas *Big Techs*, mas sem que isto signifique tolher a criatividade do usuário e a fluidez em sua comunicação. Para lidar com tal complexidade, é imperativo entender como os jovens se comunicam nesses espaços a partir da perspectiva estética, ou seja, focada na percepção e na manifestação dos afetos nessas relações comunicativas.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – CAAE: 89037624.0.0000.5282. A pesquisa foi iniciada em março de 2025 junto ao Grupo de Pesquisa Desafios Emocionais e Relacionais na Adolescência e na Adulter Emergente – DERA-UERJ, por se apresentar como campo ideal, tanto para observação e análise, quanto para criação e construção de estratégias voltadas à educação para o visual digital.

Um projeto para promover a emancipação do ver, a elaboração do olhar, a descolonização afetiva e perceptiva, essenciais à promoção e proteção daquilo que entendemos como Direitos Humanos e que fundamentam esta proposta de pesquisa, articulada nos estudos sobre imagem, afeto e percepção. Uma pesquisa ancorada na Teoria dos Afetos de Silvan Tomkins, como referencial teórico e metodológico, associada à Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty, como metodologia de pesquisa. Trata-se, portanto, de pesquisa qualitativa, descritiva e propositiva, com discussão teórica, buscando reestabelecer as relações de poder entre os usuários e as plataformas de mídia social a partir da experiência fotográfica e das novas formas de produzir imagens. Um projeto que busca promover práticas de regulação emocional e letramento digital para jovens e adultos emergentes. Uma proposta para além das mídias sociais.

A colonização dos afetos

Apesar do aparente domínio das novas tecnologias que configuram a vida virtualizada, a maioria dos usuários de plataformas de mídia social, tal como o *Instagram*, sequer percebe estar submetido a uma experiência estética capaz de modular sua configuração perceptiva e calibrar sua organização afetiva em níveis profundos. Pior, não é permitido a esses usuários o acesso aos protocolos das programações algorítmicas controladas pelas plataformas de mídia social, quicá os objetivos e extensão dessa interferência. A experiência estética imposta pelas grandes empresas de tecnologia expõe uma nova forma de controle social por meio de outro

modelo de extrativismo, o extrativismo digital, caracterizado pela atualização da estética colonialista, nomeado por Nick Couldry e Ulises Mejias de *data colonialism* (2019). Esta nova faceta do capitalismo é articulada algoritmicamente por meio da captura do dado mais sensível do usuário: seu comportamento na plataforma de mídia social. Este dado é utilizado para alimentar artificialmente o treinamento dos algoritmos mediadores dessas plataformas e, conseqüentemente, programar a configuração estética do usuário, ou seja, sua modulação perceptiva e sua calibragem afetiva. Desta maneira, as plataformas colonizam os afetos para além desses espaços, estabelecendo um novo modelo de poder. Um fenômeno intensificado pela crise pandêmica, e que se apresenta como questão-problema desta proposta de pesquisa de pós-doutoramento, em razão da extensão da regência dessas programações algorítmicas e do controle das grandes empresas de tecnologia.

O regime visual (des)organizado pelos algoritmos e imposto pelas mídias sociais é responsável por redimensionar o tempo e o espaço, o que está intrinsecamente relacionado à manifestação e geração de afetos. Um redimensionamento que se projeta nas imagens e se confunde com os afetos que provoca, o que é característico do processo de desterritorialização de corpos e objetos, de acordo com a conceituação de virtual elaborada por Pierre Lévy (2007). Contudo, a narrativa algorítmica que se estabelece é reflexo da linguagem antropofagicamente colonialista. Seria, então, possível ao próprio usuário interferir neste roteiro algoritmicamente configurado pelo *Instagram*? O projeto é estruturado a partir desta pergunta, buscando a emancipação do sujeito por meio de estratégias que poderão ser articuladas pelo próprio usuário de plataformas de mídia social, tal como o *Instagram*, a partir do acoplamento dos afetos complexos (Torraca, 2023; 2024). Estratégias desenvolvidas a partir da experiência fotográfica e dos novos modelos de produção de imagem.

A potência descolonizadora dos afetos complexos

De acordo com Lévy, o sujeito localizado no virtual é um sujeito afetivo (Lévy, p. 107), e pode ter alterada sua percepção, o que se refletiria em sua configuração estética, ou seja, na sua organização perceptiva e afetiva. De acordo com o autor, os afetos seriam responsáveis por atualizar o virtual. Esta atualização provocaria a eclosão de novos tipos de afetos, o que poderia ser considerada uma inventividade afetiva (Lévy, 2007, p.108). Essa inventividade afetiva não só faz parte do imenso jogo afetivo que produz a vida social, conforme salienta Lévy), mas é capaz de promover a *reterritorialização* dos corpos e das relações a partir de uma nova

sensibilidade estética, na qual o afeto neutro ganha protagonismo (Torraca, 2024). Portanto, a eclosão de novos tipos de afetos nos processos de virtualização nos permite observar a manifestação de outras formas do afeto neutro relacionadas à atuação dos algoritmos. Uma observação possível por intermédio da Teoria dos Afetos de Silvan Tomkins (Tomkins, 1962;1963), referencial teórico e metodológico desta pesquisa.

Para entendermos o que são os afetos complexos, antes é preciso acessar o conceito de afeto neutro segundo a concepção de Tomkins. Sua teoria divide os afetos primários, aqueles considerados inatos, em afetos positivos, negativos e apenas um afeto neutro: o afeto surpresa (Tomkins, 1962). Vale ressaltar que os afetos primários constituem o sistema biológico subjacente à emoção, além de fazerem parte do ato de perceber (p. 6, 24, 29). Esses afetos seriam responsáveis por configurar as emoções do sujeito e produzir seu repertório imagético. Eles podem influenciar as relações sociais do sujeito e, conseqüentemente, o ambiente e os afetos que Tomkins denominou de afetos sociais dominantes, que se refletem em todo o sistema comunicacional.

O *resetting affect*, conforme Tomkins denominou o afeto neutro (1962, p. 498-521), é considerado como uma espécie de botão reiniciador (*reset button*) das experiências do sujeito. Esse afeto reiniciador carrega a possibilidade da quebra de estereótipos e a formulação de outras imagens quando acoplado à experiência estética programada (Torraca, 2024). O afeto surpresa seria o elemento introduzido à experiência digital do sujeito desterritorializado, atuando como um agente descolonizador, capaz de interferir em sua configuração afeto-perceptiva, permitindo reiniciar sua experiência estética.

O conceito de afeto complexo foi inspirado no Pensamento Complexo de Edgar Morin (2015) e no conceito de Emoções Complexas de Pierre Lévy (2007, p. 68). Segundo Lévy, as emoções complexas estariam relacionadas à problematização no processo de desterritorialização e na geração de novas modalidades afetivas provocadas no trânsito entre atual e virtual (p. 107, 108). O afeto complexo é um conceito que associa o conceito de afeto neutro pensado por Tomkins à ideia de virtual formulada por Lévy (Torraca, 2024), ou seja, um afeto neutro desterritorializado, um afeto surpresa virtualizado.

Ao sofrer a interferência dos algoritmos, seja de mediação ou generativos, o afeto neutro desterritorializado assume duas modalidades: o afeto virtual e o afeto artificial. O afeto virtual é o afeto surpresa virtualizado manifestado pela mediação dos algoritmos gerenciados pelas

plataformas de mídia social, atuando como *afeto mediador*. O afeto artificial é aquele gerado pela “comunicação artificial” (Esposito, 2022) entre usuários e algoritmos generativos, agindo como um *afeto reiniciador*, tal como originalmente pensado por Tomkins.

Partindo da observação de que a complexidade gerada pela interação entre sujeito e algoritmos é intensificada no acoplamento entre duas modalidades de afeto neutro desterritorializado, e que este acoplamento detêm potência descolonizadora, acredita-se seja possível construir experiências estéticas emancipadoras para além das plataformas de mídia social. O acoplamento dos afetos complexos permitiria ao sujeito reescrever o seu roteiro, modificar suas imagens, recriar o mundo percebido, o que é a tradução dos processos descolonizadores; além de ser capaz de promover sua própria (re)configuração estética, como também, a reterritorialização das relações sociais.

A potência descolonizadora da Fotografia+

A Fotografia, articulada na amplitude das possibilidades que oferece, inclusive a partir de técnicas que utilizam aquilo que convencionamos chamar de inteligência artificial, é o *medium* que permite o acoplamento dos afetos complexos. Uma Fotografia calcada na técnica, tal como pensada por Vilém Flusser (2011), refletindo seu conceito de imagem técnica e que tem se tornado a linguagem da atualidade. Tomando como paradigma a Teoria da Imagem de Flusser, Joanna Zylińska defende que a Fotografia dos dias atuais, a Pós-Fotografia, atua como um fluxo em sua forma de experimentar o mundo, no qual a imagem técnica é a mensagem. São experiências que “informam” e “dão forma” como modo de organizar o caos do mundo (Zylińska, 2023, p. 6). A autora ressalta que, apesar do caráter informacional da imagem fotográfica, ao ser acoplada a máquinas de inteligência artificial, elas se tornaram eminentemente operacionais (p.7) e estão mapeando nosso futuro humano, daí sua afirmação que a “Fotografia não somente tem um futuro, mas atualmente é o futuro” (p.7). Uma Fotografia que se revela como potência descolonizadora.

A Fotografia, considerada como experiência estética, “desencadeia e molda emoções, impulsiona nossas percepções, informa nossa cognição e contribui para o surgimento da consciência humana” (p. 6), além de “relocalizar” o sujeito diante do outro, de outro espaço-temporal. Trata-se de experiência maiúscula, que abarca variadas formas de produzir imagem, de construir memória, de liberar dimensões espaço-temporais. A experiência fotográfica virtualizada se apresenta como o *medium* dessa nova forma de perceber e conceber imagens de

forma complexa, deslocando o foco perceptivo e transcendendo a representação. Uma realocação daquilo que o sujeito vê, daquilo que passa a olhar, como preceituara Maurice Merleau-Ponty (1999). Um olhar transformado e transformador. A experiência fotográfica é a projeção do mundo olhado pelo outro. A partir desta projeção é produzida uma nova realidade, é possível imaginar um novo mundo ancorado no digital. Esse mundo, segundo Lévy, seria o próprio sujeito, “com a condição de estender-se por este termo tudo o que o afeto envolve”; o sujeito, portanto, “é um mundo banhado de sentido e de emoção” (2007, p. 107).

A Fotografia permite descrever este real complexo, como enxerga Morin (2015), focada na reflexão sobre uma imagem complexa, conforme defende Català Domènech (2005). Desde essa descrição seria possível modificar a percepção de uma imagem comunicada como realidade e produzir outra realidade mediada pelo afeto. Essa é a síntese de um mundo fotografado. Um mundo *retratado* e reimaginado. Um mundo visto por outro corpo. A câmera fotográfica pode ser este outro corpo, considerada a potência deste “aparelho que visa programar a sociedade através das fotografias para um comportamento que lhe permita aperfeiçoar-se” (Flusser, 2011, p. 58). Hoje, os algoritmos se apresentam como este outro corpo na dimensão da Pós-Fotografia. É a partir da perspectiva Flusseriana que pensamos a fotografia de prompt, aquela experimentada por meio da interação humana com os algoritmos generativos e que corresponde à experiência fotográfica desterritorializada, de acordo com o conceito de virtual de Pierre Lévy (2007). Uma interação que porta a essência do afeto neutro: a surpresa. Não por acaso, o Dall-E 2, a inteligência artificial generativa da Open AI, convida seu usuário à interação com “*surprise me*”. Uma nova forma de imaginar e existir no mundo, consubstanciada no Pós-Humanismo, que permite deslocar o sujeito e interferir em processos colonizadores, característicos do antropocentrismo, do eurocentrismo e do imperialismo estadunidense.

As novas formas de existir em colaboração, entre humano e não-humano, permitem produzir novas afetividades e podem contribuir na construção de estratégias para capacitar e emancipar o sujeito/usuário em relação ao controle imposto pelas plataformas de mídia social. Podemos citar como exemplo, a última exposição de Giselle Beiguelman, intitulada “Venenosas, Nocivas e Suspeitas” (2024-2025), na qual a artista, curadora e Professora Associada da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, dá rosto a mulheres que foram apagadas em diversos campos de conhecimento, traçando um paralelo com

plantas estigmatizadas, banidas, proibidas, criminalizadas. Beiguelman utilizou sistemas de inteligência artificial generativa para formular sua crítica e provocar não só uma reflexão, mas a reconfiguração perceptiva e afetiva do sujeito a partir da experiência estética, neste caso a fotografia de prompt. Sua crítica se estabelece na fissura maquínica e torna visível as falhas e tensão da relação humano x não-humano, mas detentora de potência criativa que permite ao sujeito reiniciar sua experiência e, portanto, suas narrativas.

Esse é um mundo reimaginado, refundado no visual e na potência do *punctum*. O *punctum* na Fotografia é o afeto, observado tanto por Walter Benjamin (2013; 2017) como por Roland Barthes (2015). O afeto é a essência do ato perceptivo. É o *punctum* que desperta a emoção e pode produzir a afetação do corpo. No caso da Prompt-Fotografia, temos um *punctum* artificial, um *punctum* gerado algoritmicamente.

Entretanto, não se pode desprezar que as emoções podem refletir uma cultura visual que acaba impondo determinada configuração estética. A sociedade, como também as mídias sociais, impõem filtros particulares sobre aquilo que vemos, controlando, limitando e restringindo a potência do nosso olhar. Esses filtros ganharam maior intensidade e permeabilidade durante a crise pandêmica diante da mudança de comportamento do usuário em relação a sua experiência nas mídias sociais, o que significa dizer, maior período de navegação e de exposição, o que gerou impactos emocionais em razão da interferência dos algoritmos. Esta interferência algorítmica passou a modular perceptivamente o usuário e calibrar sua organização afetiva em níveis profundos.

Apesar do regime *datacolonial*, é o sentido da arte impresso na experiência fotográfica, aquele gerado em razão da criatividade, que nos permite pensar novas formas de imaginar por meio dos algoritmos generativos, mesmo em ambientes controlados como os das mídias sociais. É nossa capacidade de criar que nos permite descolonizar. A criatividade está intrinsicamente relacionada aos processos afeto-perceptivos. A capacidade criativa do sujeito se expressa por intermédio do afeto neutro. A surpresa é um afeto que se manifesta através das experiências estéticas, e a experiência fotográfica é a essência da estética *instagramável*. Vale lembrar que a plataforma *Instagram* foi projetada para gerar surpresa por meio da experiência fotográfica e, por consequência, fazer emergir o afeto neutro durante a experiência algoritmicamente configurada desse sujeito *instagramável*: o afeto virtual (Torraca, 2024).

Acreditamos que o acoplamento dos afetos complexos por meio da experiência fotográfica seja capaz de reconfigurar os padrões comunicativos do usuário das mídias sociais,

estabelecendo um processo considerado descolonizador. A ativação do sensível por intermédio dessa nova Fotografia experimentada nas plataformas de mídias sociais do estilo *Instagram*, seja como usuário, produtor ou receptor de conteúdo, permitiria a reconfiguração estética do sujeito e sua reterritorialização. Um fenômeno que se estabelece a partir da imagem construída por intermédio da percepção sobre o outro, sobre o ambiente e das novas formas de (re)imaginar essas imagens. Essa reprogramação nos permitiria modificar os afetos sobre a imagem projetada, sobre os valores que depositamos ou debitamos em relação ao outro.

Uma proposta de pesquisa que pode ser subsidiada pela computação afetiva, desenvolvida por Rosalind Picard (1997), que desde 1995 busca a construção de um padrão afetivo benéfico na relação humano e computador. Uma inteligência artificial capaz de observar e interpretar as emoções humanas e produzir uma nova afetividade – positiva, o que se refletiria nas relações sociais, permitindo imaginar e produzir outros retratos. Essa nova afetividade possibilitaria nossa reterritorialização a partir de experiências estéticas (auto)programadas, no qual o afeto surpresa agiria como um afeto reiniciador, capaz de interferir nos afetos mediadores, observáveis em plataformas como o *Instagram*. Desta forma, faz-se necessário conhecer e compreender os afetos virtualizados por intermédio dos novos modos de produção de imagem, de pensar a Fotografia, de vivenciar as experiências estéticas, para tornar possível a construção de estratégias que consigam proteger e emancipar o sujeito/usuário de plataformas de mídia social, como a plataforma *Instagram*. É nesta possibilidade que se localiza a fotografia de *prompt*, ou *photo-prompt* ou *prompt-fotografia*. Um modo de produzir imagens que representa a essência do movimento retratar-reiniciar-reterritorializar!

O Projeto Retratar, Reiniciar e Reterritorializar: descolonizando pelo afeto a experiência digital algoritmicamente configurada

O principal objetivo deste projeto de pós-doutoramento é compreender a experiência de jovens nas mídias sociais a partir da investigação da atuação dos afetos nas relações algoritmicamente gerenciadas pelas plataformas de mídia social. Esta investigação possibilitará o desenvolvimento de estratégias descolonizadoras e emancipadoras para os usuários deste tipo de plataforma, em especial jovens usuários. Para viabilizar os objetivos desta proposta de pesquisa se fez necessário o recorte que restringiu a observação dos afetos à plataforma *Instagram*, principalmente por ser uma plataforma que originalmente foi criada para gerar

surpresa e engajamento a partir do compartilhamento de imagens e experiências fotográficas, além da mediação algorítmica ser mais facilmente identificada pelo usuário.

Ainda que a mediação algorítmica praticada pela plataforma *Instagram* interfira nos processos de visualização do usuário e de sua produção, identificando seletivamente a estética visual que “merece” ser vista e que revelam o viés no treinamento dos dados, denominado como *injustiça algorítmica* (Gebru, 2020); esta mesma mediação algorítmica permite ao usuário criar alternativas para driblar o controle imposto pelas mídias sociais, conforme observam Bonini e Treré (2024), estratégia que os autores nomearam *algoritmos de resistência*. A despeito de reconhecer a possibilidade de injustiça algorítmica, Joanna Zylińska (2020) é outra autora que admite aberturas da plataforma *Instagram* ao seu usuário, permitindo a construção de estratégias de resistência associadas à arte digital, tendo em conta que a plataforma se transformou em uma vitrine para os artistas, em especial aqueles que trabalham com *AI Art*.

Descolonizar a experiência do usuário dessas e nessas plataformas é encontrar um reequilíbrio da relação de poder entre o sujeito – hipossuficiente – e as *Big Techs*. Acreditamos que a experiência fotográfica virtualizada e configurada algorítmicamente pelo sujeito possa interferir neste regime *datacolonial*. Uma experiência estrategicamente processada. Este projeto, portanto, pretende criar estratégias por intermédio das novas formas de produzir imagem, de pensar a Fotografia, de vivenciar as experiências estéticas digitais em espaços controlados, como as plataformas de mídia social, a partir do conhecimento e compreensão dos afetos nesses espaços.

Este projeto foi pensado para ser desenvolvido junto ao Grupo de Pesquisa Desafios Emocionais e Relacionais na adolescência e na Adulter Emergente (DERA-UERJ) e suas atividades de pesquisa e de extensão (práticas psicoeducativas e de divulgação científica), no qual se pretende construir estratégias para fazer frente ao novo regime estético-colonialista imposto pelas plataformas de mídias sociais aos seus usuários, responsável por gerar complexidade e vulnerabilidade para além desses espaços. Uma proposta que busca a conscientização do extrativismo digital imposto pelas plataformas de mídia social, como também, o desenvolvimento de recursos para que os usuários sejam protagonistas de suas experiências para além desses espaços. Um protagonismo amplificado pela possibilidade de reterritorialização.

O Grupo DERA-UERJ busca promover a saúde e bem-estar de jovens a partir de vários projetos, entre eles o projeto “Regulação Emocional e Interpessoal: Promoção de Saúde Mental

para Jovens em seus Contextos”, do qual o presente projeto de pesquisa faz parte. Com esse projeto, é proposto o mapeamento do sofrimento psíquico e do bem-estar, além de realizar ações psicoeducativas, preparando adolescentes e adultos emergentes para o enfrentamento dos desafios dessa fase, enfocando, principalmente, as emoções e as relações vividas, no contexto da pós-pandemia. Como prática psicoeducativa, se refere a todas as atividades que reduzem as desigualdades de informação, implementam esforço preventivo, incrementam a capacidade de lidar com as situações de estresse e os problemas de saúde, e que também possam gerar autocuidado, ajuda mútua e ambientes que favorecem a saúde, especificando dimensões emocionais e relacionais (Ponciano, 2024).

O ponto de intercessão entre este projeto e o do DERA está na proposta de capacitar e emancipar jovens para que possam lidar com o estresse e o sofrimento psíquico nesta fase de desenvolvimento, levando em conta o “movimento espontâneo utilizando todas as formas de linguagem e de expressão artística” (Ponciano, 2025) para enfrentar os desafios postos à Psicologia. Desafios que a segunda autora identifica na implementação de intervenções, com o objetivo de cuidar da saúde emocional/interpessoal de adolescentes e de adultos emergentes, os quais busca, “de modo não convencional, utilizar recursos tecnológicos, presenciais e virtuais, incluindo diversas linguagens, arte e cultura” (Ponciano, 2025), “em uma perspectiva de psicoeducação que considere aspectos positivos, não somente os negativos, para a promoção da saúde mental nos contextos relacionais” (Ponciano, 2025). Desta forma, pretende-se a ampliação da atenção à saúde mental para os contextos escolares e universitários por meio de estratégias que priorizem a capacitação de adolescentes e adultos emergentes. São estratégias que se estendem para o âmbito familiar e escolar, ativando o cuidado intra e interpessoal, ensejando contextos facilitadores que promovam bem-estar, sensibilizando e preparando-os para enfrentar os desafios à saúde mental, em momentos intensos de estresse.

Outro ponto de convergência é a relevância depositada na experiência estética pelos dois projetos, o que se explica em função do poder da criatividade, intrinsecamente relacionada aos processos afetivos e emocionais, conforme pontua Lisa Barrett (2017), que entende o afeto como um sistema dinâmico e relacionado ao corpo e à mente, vinculando as emoções aos processos cognitivos. Neste sentido, imprescindível é a identificação de afetos e emoções, como é possível observar no Programa de Treinamento Intensivo em Regulação Emocional Interpessoal (TI-REI), promovido pelo DERA. A proposta do TI-REI opera na diferenciação

entre afeto e emoções, de forma semelhante aos métodos oferecidos pela Teoria dos Afetos de Silvan Tomkins, demonstrando a importância da categorização entre afetos positivos e negativos, como também a identificação e observação da atuação do afeto neutro nas relações comunicacionais, essencial para a análise dos comportamentos sociais em plataformas de mídias sociais, como o *Instagram*. Desta forma, este projeto pretende contribuir para a criação de experiências fotográficas e novas formas de geração de imagens, focando na observação dos afetos gerados nessas experiências, em especial, a manifestação do afeto neutro/afeto surpresa virtualizado, que constitui o afeto complexo (Torraca, 2024, 2023). Assim, pretende-se avaliar como essas experiências poderiam disparar processos descolonizadores e, mais ainda, construir estratégias emancipadoras que sejam capaz de promover uma educação para o visual digital.

Destaca-se a metodologia adotada neste projeto, qual seja, a associação de dois métodos de pesquisa: o método fenomenológico Merleau-pontyano e a metodologia proposta por Silvan Tomkins, relacionada às manifestações dos afetos. Importante mencionar que a fenomenologia Merleau-pontyana foi utilizada pela primeira autora no curso de doutorado em direito pela UFRJ, na observação e análise do Projeto Olhar Complexo sediado no Complexo do Alemão, por ser um método voltado às descrições perceptivas do observador e do agente perceptivo sobre o mundo a partir do seu mundo interior.

Considerada a fenomenologia da percepção desenvolvida por Merleau-Ponty como método de pesquisa que localiza a experiência no centro da investigação, a emoção e a sensação se configurariam como importantes substratos de observação, pois, segundo o filósofo, elas poderiam “nos ensinar a relação viva daquele que percebe com seu corpo e com seu mundo” (Merleau-Ponty, 1999, p. 281). O método Merleau-pontyano carrega a potência da ampliação de perspectiva do sujeito, oferecendo caminhos para sua reconfiguração estética, ou seja, a possibilidade do sujeito alterar sua percepção e organização afetiva. Um desses caminhos é a síntese perceptiva, a partir da qual o sujeito passa ampliar sua capacidade estética: sua capacidade perceptiva e afetiva. Um processo muito semelhante ao descrito por Augusto Boal em sua *Estética do Oprimido*, no qual a arte, em especial o teatro, desperta o Pensamento Sensível (2008), o que faz possível a emancipação do sujeito oprimido. Boal nos lembra que “pensar é organizar o conhecimento e transformá-lo em ação” (2008, p. 29), afinal, “o pensamento é ação que transforma o pensador, o interlocutor e a relação entre os dois” (2008, p.29). Transformação que passa necessariamente pela imagem, como Sontag (2004), Ranciére (2012, 2012), Didi-Huberman (2015, 2016) e Català-Domènech (2005, 2011), e imagem na

concepção de Tomkins é a própria experiência estética, no qual o afeto neutro detêm a potência de reiniciá-la. É a partir desta experiência que se estabelece aquilo que Merleau-Ponty definiu como “comunicação verdadeira” (1999, p. 39). Uma comunicação fundada nos elementos da descrição do mundo percebido, da síntese de um mundo fotografado.

A Teoria dos Afetos de Tomkins se aproxima da concepção fenomenológica de Merleau-Ponty por oferecer um método para a observação e a análise da experiência estética desterritorializada e artificialmente configurada, levando em conta a complexidade dos afetos gerados e mediados algoritmicamente. A partir deste método fenomenológico, é possível encontrar novas formas de descolonizar os afetos e as relações estabelecidas em plataformas de mídia social com regime estético semelhante ao *Instagram*, considerando que esta mídia social é um espaço radicalmente imagético. Vale ressaltar que Tomkins foi um visionário e antecipou algumas das questões que tem emergido com o desenvolvimento - assustadoramente rápido - da inteligência artificial (Tomkins, 1963). Na década de 50, Tomkins (1962, 1963) já investigava a potência dos afetos em relação a um universo que ainda engatinhava: o mundo dos computadores, da robótica, do que convencionamos nomear como inteligência artificial.

A metodologia desenvolvida por Tomkins (1962) permite observar as experiências afeto-perceptivas, abrangendo as experiências estéticas virtualizadas. Sua teoria oferece um método para descrever o processo de construção de realidade a partir da imagem, que na concepção do autor é um roteiro, um *script* ainda não escrito por aquele que percebe – o sujeito perceptivo. Este roteiro é o mundo percebido pelo sujeito (1962, p. 13). Um mundo cada vez mais experimentado virtualmente, uma imagem cada vez mais produzida artificialmente. Esta concepção metodológica torna possível observar e analisar a experiência estética artificialmente configurada, destacando a complexidade dos afetos gerados nesses espaços. Esta observação e análise permitiria construir estratégias para a descolonização dessas experiências a partir da reprogramação dos padrões comunicativos por meio do acoplamento dos afetos neutros articulados algoritmicamente (Torraca, 2024). O acoplamento dos afetos complexos permitiria ao usuário reiniciar sua experiência estética nessas plataformas. Este reinício possibilitaria a alteração dos afetos sobre a imagem projetada e a interferência nas relações algoritmicamente programadas. Uma alternativa para além das mídias sociais.

O resultado esperado com este projeto é oferecer estratégias para a emancipação desses jovens a partir da Fotografia, entendida em sentido amplo, como *medium* para promover o

letramento digital, que abarca o letramento algorítmico e o midiático, além de contribuir, secundariamente, para o seu desenvolvimento, bem-estar e saúde mental. Estratégias que permitam ao sujeito reescrever o seu roteiro, dentro e fora dos espaços virtuais, modificar suas imagens, recriar o mundo percebido, o que é a tradução dos processos descolonizadores, preparando adolescentes e adultos emergentes para enfrentar uma vida desafiada pelas novas tecnologias e formas de comunicação. Neste sentido, acreditamos que o conhecimento e compreensão desses desafios torne possível a construção de estratégias de resistência para o usuário – e pelo próprio usuário – de plataformas de mídias sociais, em especial o *Instagram*, em razão da sua estética, radicalmente fundamentada na experiência fotográfica.

Uma proposta transdisciplinar, como devem ser encaradas as estratégias para a garantia dos Direitos Humanos, compreendida em toda sua complexidade, tal como sugerem Hilton Japiassu (1976), Edgar Morin (2015), Adela Cortina (2017), entre tantos autores que propõem alterações nos padrões comunicativos e, assim, provocar interferências e mudanças no sistema social a partir de diferentes perspectivas e experiências. Trata-se, portanto, de abordagem fundamentada a partir do tripé percepção, afeto e imagem. Uma pesquisa que recorre à experiência estética, em especial a experiência fotográfica como instrumento metodológico, tal como pensado por Merleau-Ponty.

Aliando-se a esta abordagem, a técnica do *Focus Group* para pesquisas qualitativas se mostra uma estratégia metodológica adequada para se atingir um entendimento apurado sobre as manifestações dos afetos nas experiências fotográficas propostas. Um recurso metodológico para observar e analisar a percepção do sujeito quanto à geração dos afetos por meio de novas tecnologias, além da possibilidade de investigar os aspectos conexos deste novo regime estético colonialista imposto aos usuários das plataformas digitais, seja de mídia ou de produção de imagens. Além de ser uma técnica consolidada e reconhecidamente eficiente para pesquisas como a proposta neste projeto, a técnica do Grupo Focal *On-line* (Abreu, 2009; Bordini, 2013, 2019; Duarte, 2007) se mostra o recurso ideal para apurar em que medida as experiências fotográficas mediadas por inteligência artificial generativa são capazes de promover a reconfiguração estética do sujeito, como estratégia de resistência ao obscuro gerenciamento dos algoritmos da plataforma *Instagram*. Os resultados obtidos com o Grupo Focal podem auxiliar na construção de estratégias descolonizadoras e, assim, iniciar um processo de educação para o visual algorítmicamente configurado. Vale destacar que esta técnica estimula a espontaneidade e naturalidade no debate (Duarte, 2017), além de ampliar a possibilidade de observar a

manifestação dos afetos relacionadas à imagem e geradas nas relações, inclusive na interação com novas tecnologias. Além do exposto, a técnica do *Focus Group* facilita a coleta de dados em um grupo, conforme apontado por Duarte, “valorizando a interação entre seus componentes” (Duarte, 2017, p. 77), o que pode enriquecer os resultados apurados na pesquisa.

Quanto à análise qualitativa dos dados, esta será baseada na Análise de Conteúdo de Bardin (2008), que faz possível a identificação de categorias emergentes e padrões nas percepções dos/das participantes durante as atividades desenvolvidas durante a pesquisa. As categorias são estabelecidas por meio de palavras-chave como forma de representá-las. A partir da identificação das categorias, dá-se a classificação: conceituais e descritivas. As categorias conceituais correspondem ao referencial teórico e as categorias descritivas emergem diretamente das narrativas dos/das participantes. As categorias descritivas não são previamente definidas, mas elaboradas durante a análise dos dados, podendo indicar aspectos importantes para a investigação sobre os afetos e a percepção dos participantes e, ainda, contemplar ou descartar questões apontadas no referencial teórico.

Considerações Finais

O projeto propõe uma investigação empírica, teórica, descritiva e propositiva, pretendendo oferecer não só uma alternativa descolonizadora ao usuário de plataformas de mídia social, mas capacitá-lo para lidar com suas emoções e os desafios postos pelas novas tecnologias e formas de comunicação. Uma pesquisa voltada à observação e à análise da atuação dos afetos nas experiências do público atendido pelo DERA-UERJ na plataforma *Instagram*, focando na manifestação do afeto neutro/afeto surpresa virtualizado, de acordo com a Teoria dos Afetos de Silvan Tomkins e o conceito de virtual de Pierre Lévy, em experiências fotográficas programadas. Acredita-se que a partir da observação e da análise dessas atividades, seja possível construir estratégias descolonizadoras baseadas na emoção, no corpo, na linguagem e na expressão artística. Propostas pensadas a partir da potência da Fotografia e da Pós-Fotografia, *medium* para a observação das manifestações dos afetos complexos (Torraca, 2023, 2024).

Este projeto de pesquisa de pós-doutoramento busca, portanto, promover a emancipação do usuário das plataformas de mídia social, em especial adolescentes e adultos emergentes, o que implica no letramento digital e algorítmico desse público. Um processo que possibilitará o

reestabelecimento do equilíbrio nas relações de poder entre os usuários e as plataformas de mídia social, que vêm impondo uma espécie de atualização da estética colonialista por intermédio do extrativismo digital, fenômeno nomeado por Nick Couldry e Ulises Mejias de *data colonialism*.

Acreditamos que a partir do acoplamento dos afetos complexos articulados algoritmicamente, seja possível desenvolver estratégias que permitam ao usuário de plataformas de mídia social, a descolonização de suas experiências nesses espaços, considerando o efeito reiniciador desses afetos. O reinício dessas experiências possibilitaria a alteração dos padrões comunicativos e sua reprogramação para além desses espaços. Uma possibilidade que passa necessariamente pela educação visual. Uma educação promovida por meio da experiência fotográfica e das novas formas de produção de imagens, e que se reflete no entendimento dos processos afetivos e perceptivos em todas as dimensões da vida do sujeito/usuário e das novas relações espaço-temporais. Uma alternativa para além das mídias sociais. Um movimento para retratar, reiniciar e reterritorializar!

Referências

- ABREU, N. [et.al.]. Os Grupos Focais *On-Line*: Das Reflexões Conceituais À Aplicação Em Ambiente Virtual. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, Vol. 6, Nº 1, p. 05-24, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edição Setenta, 2008.
- BARRETT, L. **How emotions are made**. Houghton Mifflin Harcourt, 2017.
- BARTHES, R. **A câmara clara: nota sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- BEIGUELMAN, G. **Venenosas, Nocivas e Suspeitas: histórias de mulheres, IAs e plantas**. Galeria de Fotos do Centro Cultural Fiesp, 2024-2025.
- BEIGUELMAN, G. **A na arte possibilita mudar o imaginário colonialista** [entrevista concedida à Giovanna Castro]. Nexo Jornal Digital, 27 jan 2025.
- BENJAMIN, W. **Estética e sociologia da arte**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- BENJAMIN, W. **Escritos sobre Mito e Linguagem (1915-1921)**. 2ª. ed. São Paulo: Editora 34, Coeditado pela Livraria Duas Cidades, 2013.
- BENJAMIN, W. **Petite Histoire de La Photographie. Études Photographiques – édition électronique**. Disponível em: <http://etudesphotographiques.revues.org/99>. Acesso em: 11/02/2019.
- BOAL, A. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

- BONINI, T. e TRERÉ, E. **Algorithms of resistance: the everyday fight against platform power**. Cambridge: The MIT Press, 2024.
- BORDINI, G., SPERB, T. Grupos Focais *Online* e Pesquisa em Psicologia: Revisão de Estudos Empíricos entre 2001 e 2011. **Interação Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 195-205, jul./set. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/28480>. Acesso em: 18/11/2025.
- BORDINI, G. SPERB, T. Uso Dos Grupos Focais *On-Line* Síncronos Em Pesquisa Qualitativa. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 3, p. 437-445, jul/set, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2019.
- BORGES, C. e SANTOS, M. Aplicações da técnica do grupo focal: fundamentos metodológicos, potencialidades e limites. **Revista SPAGESP**, v. 6, n. 1, jun. 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702005000100010. Acesso em: 18/11/2025.
- CATALÀ DOMÈNECH, J. **La Imagen Compleja: la fenomenologia de las imágenes en la era de la cultura visual**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, 2005.
- CATALÀ DOMÈNECH, J. **A forma do real**. São Paulo: Summus, 2011.
- COULDRY, N. e MEJIAS, U. **The Costs of Connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalismo**. Stanford: Stanford University Press, 2019.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Diante da Imagem**. São Paulo: Ed. 34, 2015.
- DIDI-HUBERMAN, G. **Que emoção! Que emoção?** 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.
- DUARTE, A. Grupo focal *online* e *offline* como técnica de coleta de dados. **Pesquisa Brasileira Em Ciência Da Informação E Biblioteconomia**, 2(2), v. 17, n.1, p. 75-85, jan/abr., 2007. Disponível em: <https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/7003>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- ELGAMMAL, A. e MAZZONE, M. **Art, Creativity and the Potential of Artificial Intelligence**. MDPI Arts, 2019. Special issue on The Machine as Artist (for the 21st.Century). Disponível em: <https://www.mdpi.com/2076-0752/8/1/26>. Acesso em: 18 nov, 2025.
- ESPOSITO, E. **The Artificial Communication: how algorithms produce social intelligence**. Cambridge: The MIT Press, 2022.
- FERREIRA, E. Desinformação, desinfodemia e letramento midiático – um estudo do processo estruturado no Brasil sob o governo de Jair Bolsonaro e as formas de enfrentamento. **SCRIPTA**, v. 25, n. 54, p. 96-128, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/26582>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2011.
- GATTI, B. **Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber Livro, 2005.

GEBRU, T [et al.] . Closing the AI accountability gap: defining an end-to-end framework for internal algorithmic auditing. *Proceedings of the 2020 conference on fairness, accountability, and transparency*. **Publication History**, pages 33-34, 2020. Disponível: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3351095.3372873>. Acesso em: 18 nov. 2025.

KHAN, M. [et al.]. The use of focus group in social and behavioural research: some methodological issues. **World health statistics quarterly** 1991 ; 44(3) : 145-149. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/1949882/>. Acesso em: 18 nov. 2025.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo, Editora 34, 2007.

MACK, N. [et al.]. **Qualitative Research Methods: A Data Collector's Guide**. North Caroline: Family Health International, 2015.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PICARD, R. **Affective Computing**. MIT Press, 1997.

PONCIANO, E. DERA é Sentir/Fazer Pesquisa, Ensino e Extensão: Relato de Experiência durante e Pós-pandemia. **Estudos & Pesquisas em Psicologia: Psicologia do Desenvolvimento**, Vol. 25, e77579, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/77579>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PONCIANO, E. (Org.). **Práticas Psicoeducativas: modos de pensar e de fazer**. Curitiba: Editora CRV, 2024.

PONCIANO, E. e BRITO, E. Corpo, mente e *self*: uma articulação teórica com foco na regulação emocional. **Psicologia em Pesquisa**, Volume 15, 2021, e31043. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472021000300011&script=sci_abstract. Acesso em: 18/11/2025.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, J. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SONTAG, S. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, versão eletrônica.

TOMKINS, S. **Affect Imagery Consciousness – Volume I – The positive affects**. New York, Springer Publishing Company, 1962.

TOMKINS, S. **Affect Imagery Consciousness – Volume II – The negative affects**. New York, Springer Publishing Company, 1963.

TOMKINS, S. e MESSICK, S. eds. **Computer Simulation of Personality: Frontier of Psychological Theory**. New York: John Wiley, 1963.

TORRACA, L. **O espetáculo da violência no Rio de Janeiro e o olhar estético do afeto**. Tese de Doutorado em Direito. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

TORRACA, L. Antropofagia Afetiva: a colonização dos afetos complexos. **Convergências: Estudos em Humanidades Digitais**, 1(04), 1–21., 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.59616/cehd.v1i4.957>. Acesso em: 18/11/2025. Acesso em: 22 nov. 2025

TORRACA, L. Descolonizando as Mídias Sociais: a potência dos afetos. Apresentação Oral. In: **III Congresso Internacional em Humanidades Digitais – HDRio 2023**, 2023, Rio de Janeiro.

TORRACA, L. La Potence des Affects : entre les affects virtuels et les affects artificiels. Apresentação Oral. In: **Colloque Humanistica**, 2024, Meknès, Marroc.

ZYLINSKA, J. **The Perception Machine: Our Photographic Future between the Eye and AI**. Massachussets: The MIT Press, 2023.

Recebido em: xx de xxx de 20..

Aceito em: xx de xx de 20..
